

## As míticas histórias: contos e histórias

Marcos Ferreira Guedes da Costa

FATEC Itatiba, marcos.costa43@fatec.sp.gov.br

### RESUMO

Este artigo traz em seu bojo experiências vividas por alunos do curso de Gestão da Produção Industrial da FATEC de Itatiba, por ocasião do aprendizado na disciplina de *Ética e Direito Empresarial*, na qual estudamos um pouco da normalidade ética, cujos comportamentos evoluem na medida em que construímos uma civilização que pautae, cada vez mais, pelo respeito, ao diverso, nos variados *locus* nos quais os relacionamentos humanos se expressam. Antes de adentrarmos propriamente no ensino da ética, ramo da filosofia destinado ao ensino da moral, fez-se necessário explicar os fatos que antecederam o nascimento da *filosofia*. Assim, ao tomarem conhecimento dos fenômenos míticos, especialmente aqueles nascidos na Antiguidade Clássica, despertaram interesse em conhecer alguns *mitos universais*, reconhecendo sua presença no imaginário até os dias de hoje. Ao propor atividades que os fizessem reviver suas experiências com criaturas *mitológicas*, os discentes produziram inusitados contos que os fizeram reviver as experiências vividas com seres extraordinários que povoaram suas mentes em algum tempo de suas vidas. E aqui estão reunidas nove histórias contadas com pormenores por cada um deles. Aos que se debruçarem sobre os pequenos textos, uma relaxante e agradável leitura.

**Palavras-Chave:** Crenças; Folclore; Mito; Vivências.

Data de Submissão: 09/10/2023

Data Aceito Publicação: 15/05/2024

## *The Mythical Stories: Tales and Narratives*

### **ABSTRACT**

This article encompasses the experiences lived by students from the Industrial Production Management course at FATEC in Itatiba during the learning process of the Ethics and Business Law subject. In this course, we studied ethical normality, where behaviors evolve as we build a civilization increasingly based on respect for diversity in the various loci where human relationships take place. Before delving into the teaching of ethics, a branch of philosophy dedicated to teaching morality, it was necessary to explain the events that preceded the birth of philosophy. Thus, upon learning about mythical phenomena, especially those from Classical Antiquity, the students became interested in exploring some universal myths, recognizing their presence in the collective imagination to this day. By proposing activities that allowed them to relive their experiences with mythological creatures, the students produced unusual tales that made them relive their encounters with extraordinary beings that once populated their minds. Here, nine stories are gathered, each told in detail by the students. To those who immerse themselves in these short texts, we wish you a relaxing and pleasant read.

**Key Words:** Beliefs; Folklore; Myth; Experiences.

### ***A tarefa proposta***

Ao ser designado pela coordenação do curso de *Tecnologia da Produção Industrial* para estar à frente da disciplina *Ética e Direito Empresarial*, inserida na grade do 4º semestre do curso de duração total de sete períodos, conheci um grupo de nove alunos cursantes os quais, por meio de breves conversas, fui conhecendo e interagindo com suas realidades. Fiquei agradavelmente surpreso em saber que a grande maioria, exceção feita a uma aluna, com seus poucos dezoito anos de idade, encontra-se formalmente inserida no mercado de trabalho, desenvolvendo diversas atividades nas indústrias do Município de Itatiba, envolvendo a produção de fármacos, componentes eletrônicos, ferramentaria e outros serviços de metalurgia, sendo um único deles pertencente ao setor de serviços de educação, desenvolvendo a atividade de auxiliar administrativo em nossa unidade.

Disse-lhes sobre a importância da participação de todos na composição dos 34,6% da produção do *Produto Interno Bruto* nacional, enfatizando a necessidade de conciliarmos nossas atividades laborais com as acadêmicas objetivando, com nossos esforços, ampliar nossa empregabilidade, buscando trabalhos com maiores exigências e conhecimentos, cujas certificações, a exemplo da conclusão de um curso superior de tecnólogo, são a porta de entrada para conquistarmos responsabilidades mais complexas e, em consequência, melhores remunerações.

A proposta da disciplina foi, inicialmente, a de ensinar-lhes as virtudes cardeais da prudência, da temperança, justiça e fortaleza, fundamentais para a compreensão dos comportamentos adotados nos mais diversos *locus*: nos relacionamentos domésticos, na sociedade civil, e nos ambientes corporativos. Com efeito, para adentrarmos ao precioso estudo da ética, ramo da filosofia que investiga as relações comportamentais de nós, humanos, no mundo civilizado, foi preciso explicar-lhes como nasceu a filosofia. Para isso, socorri-me de alguns textos de fácil compreensão, extraídos da plataforma *aprenda mais*, do Ministério da Educação do Governo Federal, cujo modelo do *site* de aprendizado, muito parecido com a plataforma *Mooc- EAD* do Centro Paula Souza, foi de fácil manuseio.

Contando a plataforma com mais de uma centena de cursos nas diversas áreas do conhecimento, com direito a certificações a serem inseridas em seus currículos acadêmicos, inscrevemo-nos *on-line* para termos acesso aos textos e demais referências bibliográficas, a fim de servirem como fontes de leitura, pesquisa e aprimoramento das reflexões feitas em sala de aula.

Eis que nos deparamos com o estudo do Mito.

Ao estudarmos a origem da *mitologia*, ilustrando nossas aulas com narrações dos contos mitológicos da civilização *Greco-Romana*, a exemplo do mito da sereia, interessaram-se pelo assunto, acrescentando ao aprendizado de todos, inclusive o docente, contando muito do que conheciam: as fantásticas histórias das criaturas imaginárias por eles conhecidas. Ao final do bimestre, solicitei que elaborassem livres redações a respeito do tema, inserindo as realidades e experiências pessoais vividas com as figuras míticas e o modo como foram-lhe transmitidas. Surgiu assim, o caminho para a realização da tarefa.

Segue aqui, o enunciado e a questão proposta, cujos produtos foram os curiosos contos, escritos a partir da imaginação e da experiência de cada um.

Meus agradecimentos ao corpo discente pelo entusiasmo com o qual realizaram a avaliação. Não estranhem eventuais correções feitas na estética da apresentação, posto que a essência de cada conto foi respeitada e preservada por mim, professor orientador.

### *A avaliação*

#### *Marchinha da Sereia*

*Sabe o que é que faz,  
Sereia em alto-mar?  
Depois que se penteia,  
Põe-se a cantar  
Passa um marinheiro,  
Ouve o canto e vai atrás  
Sabe o que é que faz,  
Sereia em alto mar?  
Devora o marinheiro,  
E põe-se a cantar  
Outro marinheiro,  
Ouve o canto e vai atrás  
Um por um vai devorando,  
E os marujos pedem mais  
E a sereia linda,  
Fica ainda mais voraz!*

**O mito, modo de interação das comunidades antigas com o desconhecido universo sobrenatural, compõe-se de contos que relatam com imensa criatividade e riqueza de detalhes, acontecimentos misteriosos inexplicáveis à luz da razão humana. O mito da sereia na Grécia antiga, representava os perigos existentes no grande Mar Mediterrâneo. Singrado pelos argonautas, ousados e corajosos navegadores oriundos de uma sociedade que necessitava explorá-lo para sobreviver e interagir com outros povos situados ao longo de todas as margens litorâneas, muitos destes jovens marinheiros, por ele tragados, deixavam marcas nos corações maternos e nos corações das noivas cujos sonhos das núpcias seriam afogados em um mar de lágrimas. As lendárias *sirenas*, representações míticas femininas, com seus enfeitiçadores cantos, seduziam os infelizes marujos, os quais não resistiam se lançarem ao mar para serem devorados por estes monstros marinhos. Estes personagens mitológicos, criados pelo imaginário coletivo no mundo helênico, continuam a despertar a fantasia do homem hodierno, chegando alguns a afirmar com certeza a existência destas criaturas marinhas a vagarem pelos oceanos, chegando, inclusive a serem observadas e, acreditemos!, filmadas e fotografadas!**

**Com base na poesia de Helio Ziskind e no texto que discorre sobre o *mito da sereia*, elabore uma pequena redação contando alguma experiência pessoal que teve durante sua vida com narrativas contadas por adultos que o fizeram acreditar e temer algum ser mitológico.**

*As míticas histórias*

### *Um conto de infância*

Nascida e criada em Botucatu, cidade do interior do Estado de São Paulo, mais conhecida pela *terra do Saci*, minha infância na crença da existência do *Saci Pererê*. Nas histórias contadas por meus avós e bisavós, atestavam que alguns homens criavam *sacis* nas serras botucatuenses.

Conhecido por suas travessuras e por pregar peças nas pessoas, o *Saci Pererê*, menino negro, com uma única perna, portando um gorro vermelho e baforando um cachimbo, reinava por onde passava: salgava a comida das panelas que estavam sobre o fogão, apagava os lampiões dos ambientes, escondia objetos e nem os indefesos cavalos dele escapavam. Era comum os cavaleiros depararem-se com as crinas de suas montarias caprichosamente trançadas.

Estas e outras lendas de nosso folclore estiveram sempre comigo e com meus amigos de tenra idade, graças ao interesse dos mais velhos de gastarem seu tempo desfrutando de nossas companhias. Enquanto divertiam-se ao contá-las, a nós, inocentes ouvintes, restava ficarmos com nossos medos.

*Paula Thaís dos Santos Oliveira*

---

### *Pernas que te quero, meu pavor, e o Lobsomem*

Durante minha infância, cresci ouvindo fascinantes histórias contadas por adultos, que me fizeram acreditar e temer os seres mitológicos. Das inúmeras histórias, a que mais me marcou foi a do *lobisomem*.

Meu tio, um excelente narrador, habituou-se a relatar para mim e meus amigos, as façanhas de um ser temido, *meio lobo meio homem*, que habitava as matas. Reportava ser uma criatura amaldiçoada, um homem dotado de muitos pelos a cobrirem todo o seu corpo. Um enorme e feroz *lobo*, cujos uivos eram ouvidos à longa distância todas as noites em que despontava no alto céu, uma gigantesca *lua cheia*.

Certa ocasião, no período de minhas férias escolares, minha família resolveu viajar para a casa do *titio*. O mesmo que me amedrontava com seus assustadores contos. Contava com pouco mais de dez anos. Era muito novo, inocente e, sobretudo, medroso.

A casa, situada em um pequeno sítio da zona rural, era ladeada por grandes pastos, iluminados pontualmente pelo voo solitário de alguns vaga-lumes. Por todos os lados aquela escuridão parecia me engolir, o que foi aumentando cada vez mais o pavor de estar ali. Pretendíamos eu, meu irmão e dois amigos, chegar o mais rápido possível à casa de um vizinho, cujo norte da caminhada nos era dado por uma pequena chama de um lampião aceso ao longe.



O farfalhar das folhas secas, como se tivessem sendo pisadas, denunciava que a desconhecida criatura se movia rapidamente em direção à carroça em que estavam, à espera de uma oportunidade para atacá-los. De repente, um terrível e ensurdecido uivo dava conta de que estava muito perto deles. Meu avô, espreitando atentamente o perigo, empunhou ao ombro a espingarda que trazia consigo, mirando em direção ao som do uivo. A negritude da noite não permitia divisar qualquer coisa à sua frente. O grande animal, ao aproximar-se, fez com que meu avô enxergasse sua enorme silhueta, que em nada se parecia com um lobo comum. Suas formas medonhas causaram pânico na montaria que puxava a carroça, obrigando meu avô a desatrelá-la dos arreios, fazendo com que seu cavalo, após tombar o coche, disparasse tomando rumo incerto.

Ao perceber que se tratava de um *lobisomem*, o velho tratou de proteger sua velhinha, escondendo-se ambos sob a carroça virada para baixo. Apavorados e escondidos, puderam ver o lobisomem procurando a caça, momento em que começou a arranhar a madeira do veículo e a emitir uivos que soavam raivosamente. Meu avô, neste momento posicionou sua arma em direção ao monstro, efetuando dois disparos com sua arma calibre vinte e oito, cano duplo. Com habilidade suficiente para mais uma vez municia-la, atirou novamente até que a terrível criatura ao se sentir as dores das feridas causadas ferido pelos tiros cessou o ataque, fugindo velozmente por aquela lúgubre mata. Meus avós permaneceram embaixo da carroça, assustados e em alerta, até o amanhecer.

Ainda hoje, toda vez que percebo o nascer do *plenilúnio noturno*, lembro das histórias sobre um ser meio homem, meio lobo, tendo muito receio de ser por ele unhado ou mordido e ser contaminado por tão terrorífica maldição!

Apesar do medo, guardo muitas saudades dos tempos de minha infância, marcados em minhas memórias de amor.

***Marcelo Adriano de Souza Perobelli***

---

### ***Quem vê cara, não vê coração***

Contrariamente ao que possamos imaginar, os mitos não somente podem como devem ser levados a sério. Os seres mitológicos são tesouros culturais a nos conectarem com o passado, convidando-nos a explorar o extraordinário. Eles refletem a diversidade da imaginação humana, permanecendo como fontes inesgotáveis de inspiração e reflexão a respeito do mundo que nos cerca.

A Caipora, conhecida como protetora das florestas e dos animais selvagens, era um ser que em minha infância me causa muito medo. Morava em um sítio bem isolado na zona rural, cercado por uma grande mata virgem. Temendo um dia com ela me deparar, pois minha mãe atestava fielmente sua existência e minha professora, ao repetir a história para seus alunos naquela pequena escola rural, incutiram em mim um temor muito grande,

o que impedia sequer me aproximar daquelas áreas repletas de madeiros enormes, cujas copas escureciam os caminhos interiores mesmo nos ensolarados dias.

Em meus pensamentos, a Caipora estaria sempre à espreita de uma desavisada alma a percorrer inocentemente as trilhas. Com seus pés virados para trás, sua pele esverdeada a se mimetizar em meio àquelas verdejantes folhas e com seus cabelos de fogo semelhantes ao não menos temível *boitatá*, sua terrível imagem nunca saiu de minha cabeça. Toda vez, ao escutar o noturno cantar do curiango sobre o mourão da cerca, aterrorizava-me ante ao que parecia ser o prenúncio da aparição daquela horripilante criatura.

Com o passar do tempo, continuei a ouvir a mesma história, o que me fez aos poucos “destravar” deste medo, perdendo inclusive o temor de entrar na mata, levado que fui por meus amigos a tomar um delicioso banho em uma pequena cachoeira que lá existia.

Mesmo por se tratar de uma lenda, agradei muito por ela proteger os indefesos animais da floresta das maldades perpetradas pelos covardes caçadores com suas daninhas espingardas.

Esteticamente imperfeita para os padrões humanos, taxada convenientemente pelos malvados caçadores como vilã, muitos a continuarão julgando por sua aparência, esquecendo-se do bem que sempre fez e fará por nossas árvores e pelos coloridos passarinhos e mamíferos, frágeis moradores da verdura de nossas matas.

Portanto, atentemos mais aos corações humanos. Esqueçamos das aparências, pois por trás delas sempre se esconderá um maldoso caçador.

*Lucas Mateus Estevão*

---

### *Os corajosos contadores de história*

Nos inocentes anos de minha infância, ouvia muito meus pais e avós contarem várias lendas. Apesar de contos, processavam-se em minha mente de uma maneira muito convincente. *Sacis-Pererês, Botos amazônicos, Mulas sem cabeça, Curupira* e o mais temido deles: *o lobisomem*.

Meu querido avô, com o entusiasmo de um bom contista, sempre repetia para mim esta apavorante história. Tratava-se de um pobre homem, filho mais novo de uma família composta por sete irmãos, tendo recebido não se sabe como e nem por que, em seus poucos treze anos de vida, uma maldição que se manifestava todas as noites de lua cheia. Só por saber que os cabalísticos números “7” e “13”, compunham a aterradora combinação, morria de medo durante as aulas de matemática que algum resultado dos exercícios fosse os finais destes dois números.

Segundo o contista, o menino, ao se transformar no tenebroso monstro, andava uivando pelas matas até o amanhecer. Seu uivar, penetrando pelas janelas das casas daquele isolado povoado, causavam pavor em quem os escutava, desencorajando até mesmo o mais temível morador a aventurar-se à noite pelos pastos nos quais, durante o dia, tangiam o gado até a cocheira para lhes tirar o leite do café da manhã e para fazer aqueles deliciosos queijos.

Era este o ambiente do sítio *Seabra* no qual morávamos. Uma grande extensão de terras, com diversas plantações e criações de animais. Os comentários a respeito deste famigerado monstro não se resumiam aos feitos por meu avô. Muitos diziam os terem visto próximo a criações, em busca de comida.

O costume de fazermos fogueiras para ao redor nos reunirmos com familiares e amigos, próximo a uma cabana onde se armazenavam as espigas de milho colhidas, possibilitava a todos travar conversas, cujas fantásticas narrações alimentavam em todos fantasias a revelavam verdades nas mentes de cada um dos ouvintes, não somente nós, as crianças, mas, creio eu, principalmente os adultos, em vista do tamanho realismo com que contavam as várias situações das aparições do *lobisomem*.

Em meio a toda esta magia, nas quais os participantes contavam com maestria seus feitos, pois os vários contistas, exaltando a valentia, escondiam ser em verdade uns covardes de uns medrosos *caguiras*, sempre o *lobisomem* corria de seus enfrentamentos. E eu, na minha santa ingenuidade de criança, perguntava-me: por que ninguém saía para o pasto nas noites de lua cheia?

Por este motivo, até hoje, nas noites iluminadas pela prenúncio da claridade do luar, também não saio quando vou para o sítio.

***Bruno Henrique Pereira Santos***

---

### ***O mito que tanto temia***

Quando de minha infância, lembro-me da casa na qual morava com minha família, cujos vizinhos eram, também, imigrantes japoneses. Meus avós, nascidos no Japão, emigraram para o Brasil no início do século passado. Habitavam a casa, eu, meus pais, minha irmã e minha avó paterna.

Todas as tardes, minha avó se reunia com suas amigas japonesas, como ela desembarcadas em Santos, destino da longa viagem oceânica. Em meio às conversas, presenciadas por mim e por minha irmã, minha avó reservava um tempo para desfrutar da agradável companhia das netas. “*Batiãn*” narrava com riqueza de detalhes, algumas histórias que para suas pequeninas “*sanseis*” eram aterrorizantes. Extraía seus contos das lendas e folclores mitológicos de seu longínquo e saudoso torrão.

Contava-nos a respeito da existência de uma criatura chamada *Oni*: um ser enorme avermelhado, com aparência humana, mas que tinha um rosto semelhante a um macaco, dotado de presas afiadíssimas na boca, e dois longos chifres pontudos e espiralados, semelhantes aos chifres de um dragão. Sua veste sumária, resumia-se a um pequeno *fundoshi*: uma espécie de tanga utilizada para cobrir as partes íntimas e que deixava as coxas desnudas. Portava em sua mão direita um porrete cravejado com pontas de ferro, nominado *Kanabō*. Segundo “*batiãn*”, *Oni* usava seu *Kanabō* para torturar os pecadores no inferno e para castigar os seres humanos que não se comportavam adequadamente neste mundo.

Estas imagens, guardadas em nossas mentes de crianças, causavam-nos muito medo, fazendo-nos tremer a cada vez que ouvíamos “*batiãn*” narrar tão atemorizantes fatos.

Dentre as mais famosas histórias envolvendo o mito *Oni*, está a lenda japonesa conhecida por *Momotarô*: um menino que veio ao mundo dentro de um pêssego gigante. Ao enfrentar *Oni* com a ajuda de seus amigos, terminavam por vencer a árdua batalha, demonstrando coragem e persistência para que o mal sucumbisse ao triunfo do bem. Mesmo sabendo que *Oni* acabava sempre derrotado, permanecia em nossas mentes seu terrível semblante a nos amedrontar.

Passado o tempo, e à medida em que cresci, descobri que os *Onis* não se tratam de demoníacos vilões. Mais que criaturas mitológicas, representam os desafios a serem enfrentados e superados por nós. Aprendi também que a mitologia pode nos ensinar boas lições sobre a vida e a cultura de um povo, no caso, meus ancestrais nipônicos.

No ano de dois mil e seis tive a oportunidade de conhecer a terra de meus avós. Com carinho e muitas saudades deles, relembrei e senti novamente as emoções que me eram causadas ao ouvir estes terríveis contos. E os sentimentos, outrora de medo, transformaram-se em cândidas lembranças de ternura.

Obrigado, “*Batiãn*”, por proteger suas netinhas das investidas do malvado *Oni*.

***Marcia Rumiko Yanagava Nakasato***

---

### ***Eu, minha mãe, e o Homem do Saco.***

Nasci e cresci em uma pequena cidade do interior de São Paulo, com cerca de treze mil habitantes. Naquele lugarejo, todos se conheciam. Foi neste pacato ambiente que, desde a minha infância, meu universo era povoado de histórias contadas pelos adultos, dentre as quais a do *Homem do Saco*, o que me fez acreditar e aprender a temê-lo. Não somente eu, mas muitos amigos daquela comunidade, amedrontavam-se com sua “existência” e sua fome por crianças.

A história era usada como um meio de garantir, pelo temor, a obediência aos adultos e, principalmente, a nossos pais. Minha mãe era uma *expert* em contar tais histórias de terror. Alertava-me constantemente para não falar com estranhos, não seguir ninguém desconhecido e nunca sair sozinho, especialmente à noite. O *Homem do Saco* era apresentado como uma figura sinistra que habitava os becos escuros e áreas isoladas da cidade, à espera de crianças desavisadas.

Um dia, ao questioná-la sobre a veracidade desta assustadora história, descobri que sua intenção ao me narrar, com riqueza de detalhes, a lenda do homem barbudo de cabelos longos, maltrapilho e que trazia consigo um saco no qual “guardava” meninos e meninas por ele capturados, em verdade o fazia para que eu mesmo me resguardasse dos perigos da vida, principalmente quanto ao risco de ser sequestrado. Minha mãe nunca escondeu seu medo, posto ser uma realidade e não um mito. Embora morássemos em um

lugar bem sossegado, sua preocupação comigo era constante. *O Homem do Saco*, com sua ânsia predatória por crianças foi de grande eficácia até mesmo à minha idade adulta, a fim de me conscientizar sobre os perigos do mundo real, para cautelosamente agir, sobretudo no trato com estranhos.

Embora desmistificado, o *Homem do Saco* fez-me compreender e valorizar, em meio a tantos medos e ansiedades, a intensidade do amor maternal a me guardar até hoje. Mamãe, ao me ensinar a virtude da prudência, desejava conscientizar-me e precaver-me a respeito das perigosas situações que se apresentariam a mim no decorrer de minha existência.

Ao vivenciar este *mito*, certamente o repetirei, visando proteger e resguardar meus futuros filhos. Por não ter causado *traumas* em minha personalidade, o *Mito do Homem do Saco*, contrariamente ao seu propósito aterrorizante, será a forma eficaz de proteger e garantir o bem-estar de minhas futuras crianças, assegurando a elas minha constante companhia e cumplicidade durante os preciosos e inocentes anos da infância.

Mamãe, obrigado pela gratuidade do seu amor. Amo-te muitíssimo, também!

Quanto a você, *Homem do Saco*, enfie-se dentro do saco e suma para sempre!

***Luiz Antonio Picco Junior***

---

## ***Os mitos***

Mitos são figuras que surgem no decorrer de nossas vidas, desde o momento em que interagimos com o mundo exterior, a começar pelas sensações auditivas e pela compreensão do significado das palavras transmitidas a nós por nossos pais e professores.

Mesmo que o tema proposto refira-se ao mito, dispenso, por ora, discorrer sobre o assunto. Prefiro comentar e, por que não, anunciar a Revelação Divina por meio da encarnação de seu Filho, Jesus Cristo.

Para os crentes nesta Verdade, Deus ofertou a nós o verbo encarnado, por meio de uma misteriosa concepção, inexplicável à inteligência humana, mas totalmente diferente dos mitos, estes sim, produtos da imaginação dos homens.

Morto na Cruz para remir os pecados de toda, repito, toda a humanidade, ainda há hoje uma multidão que o nega, o esbofeteia, o escarnece, e que manifesta um grande ressentimento para com aqueles que creem nele e na legião de anjos que o servem, seres reais invisíveis, os quais jamais devem ser confundidos com seres mitológicos. Agradeço a eles por acamparem ao redor de minha vida, e por me acompanharem até o derradeiro e eterno encontro com o Pai.

Falemos agora propriamente dos seres mitológicos, criados a partir das engenhosas imaginações humanas. Alguns deles, a exemplo da “*mula sem cabeça*”, povoam a mente de crianças e até mesmo de adultos. A infeliz mulher, transformada neste aterrorizante quadrúpede em decorrência da maldição de ter se *deitado* com um sacerdote, galopa errantemente por escuros campos, anunciando sua macabra presença pelo ruído de suas ferraduras, pelo fogo solto pelas ventas, e por seu estridente relinchar, por vezes parecido com o soluçar humano. Ao leitor, afirmo nunca ter me amedrontado com este lendário ser, mesmo porque nunca morei na roça, tendo conhecido esta história quando estudava no primário.

Mas, peço segredo a respeito do que vou falar! Que vergonha! Que mico!

Já adolescente, estudante no ginásio, corria entre os colegas que uma loira aparecia nos banheiros das escolas. Tratava-se de uma bela jovem que cercava os rapazes que iam sozinhos ao banheiro, geralmente fora do intervalo, quando os professores permitiam a saída individual para o inesperado “*xixi*”. Confesso que, por muitas vezes fiquei “*apertado*” na sala de aula por não ter coragem de descer sozinho rumo ao banheiro. Contava com quatorze anos e me pelava de medo da loira retirando os algodões de suas narinas por onde, segundo afirmavam, jorrava muito sangue.

Até hoje não sei se era mito ou verdadeiramente uma assombração. Só sei que durante todo o meu curso ginásial e colegial tive disciplina suficiente para não proferir a fatídica frase: “professor, posso ir ao banheiro?”

Hoje, como estudante do curso de Gestão da Produção Industrial na FATEC Itatiba, comporto-me como um adulto em sala, participando ativamente das aulas, sem qualquer “*aperto*” ou necessidade de sair antes do intervalo.

Quando vou ao banheiro, sempre há outros colegas utilizando as dependências. Pergunto a mim mesmo: será que a loira continua à espreita por aqui?

Que o benefício da dúvida ajude a evitar me deparar com a famigerada mulher!

E você? Deseja ir sozinho ao banheiro da escola?

Boa sorte!

*Junior Gomes Costa*

---

### *A menina, o velho e o Saci Pererê*

Ainda pequena, não tive muitas experiências sobre o mundo da mitologia por ter sido criada em um ambiente cristão. Entretanto, quando no período de férias, ao passar

muitos dias na casa de meus avós, lembro da imagem de meu avô, sentado no banco da varanda a me contar uma história na qual existia, na roça, um negrinho a saltar com sua única perna, soltando uma fumaça inalada de seu fétido cachimbo, cuja cabeça se destacava por nela encimar um gorro vermelho que em meio à escuridão do campo, era visto tal qual a brasa do cachimbo.

Atenta a tudo o que dizia, sentada ao seu lado com os olhos arregalados – um misto de medo e curiosidade - suas palavras pintavam vívido quadro de um ser muito travesso a saltitar pelos caminhos para, por fim, após cometer traquinagens, esconder-se nos recônditos das matas mineiras. Enquanto falava, minha criativa imaginação penetrava e viajava em suas histórias, como fosse eu uma destemida menina a acompanhar o moleque Saci por seus caminhos. Cada relato trazia consigo um aviso velado: jamais deveríamos perturbar a ordem natural das coisas. O Saci, apesar de suas travessuras era, segundo meu avô, um guardião das matas das Minas Gerais. O primeiro aviso de sua aparição manifestava-se logo pela manhã, pelo movimento circular das folhas caídas ao chão, as quais erigiam-se em espirais provocadas por pequenos moinhos de vento. Nas noites escuras, caminhar pela roça era como percorrer um território mágico, onde cada sombra escondia segredos. Até mesmo a brisa suave era um sussurro do Saci, um lembrete sobre a fronteira entre o real e o imaginário, muito tênue e desconhecida.

Estas histórias contadas por meu avô, ajudaram a formar meu caráter, e a encantar-me não somente pela lenda, mas por seu olhar de ternura a mim dirigido a cada frase pronunciada. Por vezes, ao divisar a escuridão, meu coração palpitava e minha imaginação corria solta, sempre à espera de possibilidades ainda mais assombrosas. Este medo conferia a mim experiências temperadas com sabor único: uma mistura de adrenalina e respeito pelas coisas desconhecidas.

(In)Felizmente cresci. As aventuras do Saci-Pererê evoluíram de meros contos fantásticos para boas recordações de meu avô, um delicado homem, arqueado e sentado no banco da varanda à luz do lampião de querosene, a me contar as histórias que guardo eternamente nos escaninhos de minhas memórias.

Paralelamente a estas lúdicas narrações, meu avô me fez conhecer, também, a mais Bela História: a Palavra de Deus, que procuro, à medida em que amadureço, conhecer cada vez mais para melhor vivê-la sem medo, mas com muita alegria.

Obrigado vovô, por tanto carinho ofertado. Deus te guarde e proteja.

*Caroliny Fernandes Rodrigues*

---

### ***O Lobisomem***

A lenda do *Lobisomem* é um mito mundialmente conhecido e se manifesta fortemente na cultura popular brasileira, dentre várias outras histórias do cancionário de nosso rico folclore.

Originário da mitologia greco-romana, cuja denominação *licantropo* significa *Lobo humano*, este ser mitológico foi largamente difundido na Europa, ensejando, além de diversos contos livrescos, uma farta produção cinematográfica cujo desfecho dos filmes focava a figura de um herói revestido com a simplicidade de um aldeão, disparando sobre o monstro um letal projétil confeccionado a partir da fundição de um argentino

*crucifixo*, do qual forjava-se a mortífera *bala de prata*. E ao esvaír-se em sangue, junto com ele esvaía-se o encanto, revelando naquele cadáver, uma pobre e insuspeita criatura humana, cuja maldição se materializava nas noturnas sextas-feiras de lua cheia.

E ainda tem gente que pensa em curtir o seu *sextou!*

Contanto que não seja em uma clara noite de lua cheia, curta à vontade, sem esquecer dos perigos reais que rondam as madrugadas regadas a bebidas e outras “*cositas mas*”.

E por falar em castelhano, ao referir-me ao *argentino crucifixo*, não pense ser o ostentado pelo *Bergolio*. Argentino quer dizer: feito de prata. Ou você acha que algum *hermano* teria coragem de enfrentar tão terrível criatura?

Voltemos, porém, ao que nos interessa: o aterrorizante e monstruoso ser das noites de luar.

Cresci ouvindo muitas histórias sobre *lobisomens*, muitas delas contadas por minha avó Benedita. Jurava ter visto o horripilante ogro quando, morando no sítio, contava dez anos de idade. Disse-me que numa bela noite de *lua cheia*, estando sozinha na casa, pois seus pais tinham ido com a charrete até o povoado comprar alguns enlatados, além de querosene e pavio para os lampiões, ouviu um barulho estranho vindo do galinheiro. Ao sair para ver o que causava a agitação das galinhas, cacarejando sonoramente como que estivessem em pânico, deparou-se com um ser enorme, peludo, com caninos protuberantes a sair pelos lábios, babando como fosse um cachorro louco. Observou também que tinha enormes pés humanos, sem pelos, com afiadas garras no lugar das unhas. Trazia em uma das mãos uma galinha dilacerada, como se já estivesse iniciado a devora.

Apavorada, fugiu para dentro de casa, fechando as janelas e colocando a tramela na porta, encolhendo-se ao lado do fogão de lenha enquanto rezava para que Nossa Senhora expulsasse aquele demônio do quintal. Não soube me dizer se foi por causa de suas preces ou pela chegada da charrete trazendo seus pais de volta ao sítio. Apenas disse ter certeza que o “*peludo*”, como por vezes se referia ao monstro, foi embora da propriedade.

Por muito tempo, a história contada por minha avó muito me atemorizou. Em noites de *lua cheia*, não colocava o nariz fora de casa, nem para brincar com os amigos, ainda que morasse em uma rua iluminada por postes de luz.

O medo do *lobisomem* se foi. As saudades de minha avó, porém, permanecem para sempre, acompanhadas das não menos saudosas lembranças de minha linda infância.

***Willian Rodrigues Ibelino***

---

## ***Conclusão***

Após a leitura destes inusitados casos, a mostrarem um pouco das histórias e experiências afetivas de seus escritores, percebemos que os mitos, produtos do imaginário humano, vivamente lembrados por cada contista, trouxeram-lhes boas recordações da infância e adolescência, em cujas memórias permanecem, indelevelmente gravados, não somente as imagens e ações das monstruosas criaturas mas, principalmente as doces

lembranças de pais, avós, tios e amigos, que com tanta ternura narraram e participaram destes inesquecíveis momentos de suas vidas. A vocês, alunos do curso de Gestão em Tecnologia da Produção Industrial, de nossa pequena e acolhedora FATEC de ITATIBA, com todo o carinho do professor Marcos Guedes.

### ***Referências***

CAMPBELL, Joseph, ***O Poder e o Mito***. Ed. Palas Athena, São Paulo, 2014

ELIADE, Mircea, ***Mito e Realidade***. Editora Perspectiva, São Paulo, 2019

ROCHA, Everardo, ***O que é Mito?*** Ed. Brasiliense, São Paulo, 2016

*Plataforma aprendamais: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) – Curso de Filosofia I*